

Segundo

Livro de Leitura

FCC

00018511 - 6

■ Adoptado nas escolas
publicas isoladas do Es-
tado de Santa Catharina.



1920

LIVRARIA CYSNE

Florianopolis.

E - Sta Catarina

N - 1166

Segundo livro de leitura.

Segundo

Livro de Leitura

■ Adoptado nas escolas
publicas isoladas do Es-
tado de Santa Catharina

SC 100

372.24

F6830



1920

LIVRARIA CYSNE

Florianopolis.

Santa Catarina

Biblioteca Pública do Estado
FLORIANÓPOLIS

| Reg. nº | Data |
|---------|---------|
| 10795 | 27-9-74 |



Prefacio

Não foi a falta de bons livros de leitura que me levou a propôr ao exmo. sr. dr. Hercilio Luz a impressão por conta do Estado da presente série de livros escolares.

A causa deste empreendimento foi a falta de livros de custo modico, de livros que, podendo ser adquiridos sem sacrificio pelos remediados, possam tambem, á larga, ser distribuidos gratuitamente entre aquelles para quem alguns tostões representam quantia apreciavel.

Empenhando-se o Estado em tornar effectivas as leis que promulgou sobre a obrigatoriedade do ensino, precisa por isso facilitar a aquisição de livros; precisa mesmo dal-os aos que não os possam comprar e aos que reluctem em adquiril-os.

Mas claro está que nesta série de livros não se procura somente a exiguidade do custo; com igual cuidado procura-se tambem que nella, tanto no assumpto como na feitura material, sejam observadas as lições da pedagogia, de modo que, ainda sob este aspecto de importancia capital, não sejam os presentes livros inferiores aos seus congêneres.

Serão, por isso, recebidas com muito agrado todas as observações que os srs. professores publicos ou particulares a respeito dos mesmos queiram fazer, convido mesmo frisar que esta edição, devido ao curto espaço de tempo em que foi organizada, e devido tambem á actual carestia do papel, é uma tiragem de ensaio, já calculada para se esgotar no corrente anno lectivo.

Isso é mais uma razão para que os que lidam no ensino se dignem mandar-me suas indicações, que serão acolhidas como assignalado favor.

Florianopolis, janeiro de 1920.

Henrique Fontes.

Director da Instrucção Publica.



1. Nossa Pátria

Nossa Pátria é o Brasil.

Todos devemos amá-lo e procurar servir-o e engrandecê-lo.

Os meninos devem também mostrar-lhe seu amor; devem também trabalhar pela grandeza da Pátria.

Por meio do estudo, da obediência aos pais e aos mestres, da amizade a seus companheiros, do cumprimento de todos os deveres em casa e na escola, mostrarão os meninos o amor que têm à sua Pátria.

O menino estudioso, obediente, leal e cuidadoso de suas obrigações será depois um cidadão excelente.

O Brasil é um país grande, bello, glorioso e hospitaleiro.

Nelle todôs podem viver em paz e liberdade.

Devemos ter orgulho de ser brasileiros e procurar ser cidadãos dignos de um paiz tão cheio de riquezas e maravilhas como é o Brasil.

—«O»—

2. *Meu Brasil*

*Meu Brasil! — Terra formosa!
Deu-te o Céu a distincção!
Tens a fôrma grandiosa
Dum immenso coração!*

*Meu Brasil! — Patria bondosa,
Jamais inspiras receio;
Como uma mãe carinhosa,
A todos abres teu seio!*

*Meu Brasil — Terra bemdita,
No teu Céu de puro azul,
Com viva luz infinita,
Brilha o Cruzeiro do Sul!*

*Meu Brasil! — Terra d'encantos,
„Onde canta o sabiá“,
Os teus primores são tantos,
Que não sei cantal-os já!*

*Oh! minha terra querida,
Deu-te o Céu a distincção!
Tens a fórma, tens a vida,
Dum immenso coração!*

DELMINDA SILVEIRA



3. Necessidade do trabalho

Mariazinha achou uma vez uma noz. Ella tinha ouvido dizer que as nozes eram muito gostosas, e por isso levou-a á bocca. Mas achou-a tão dura, que pensou em pô-la fóra.

—Chi! é dura como uma pedra! Quem pôde comer isto?

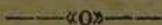
Nesta occasião chegou Augusto, irmão mais velho de Mariazinha, e, tomando a noz, lhe disse:

—Olha, Mariazinha, sem um pouco de trabalho, não se póde conseguir nada; é preciso não desanimar logo no começo. Para comeres a noz, primeiro deves quebrar a casca, assim. Vês? aqui está a amendoa, toma!

Mariazinha recebeu do irmão a amendoa, comeu-a e teve de declarar que era deliciosa.

Augusto, acariciando a irmãzinha, disse:

— Vês, minha irmã? Tudo na vida é assim. Nada se póde conseguir sem esforço nem trabalho.



4. Gratidão

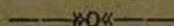
Um medico, passeando um dia pelo campo, viu um homem muito velho a plantar arvores fructiferas.

— Bom homem, disse-lhe o medico, que idade tem o sr.?

— Setenta e cinco annos, respondeu o ancião.

— Setenta e cinco annos! exclamou o medico, admirado. E o sr. ainda espera comer os fructos das arvores que está plantando?

— Há mais de setenta annos, replicou o velho, que eu como fructos de arvores que não plantei nem semeei. Quero pagar áquelles que vierem depois de mim o beneficio que recebi dos que antes de mim nasceram e trabalharam.



5. Os tres reinos da natureza

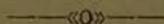
Todos os seres que existem na Terra podem dividir-se em tres grandes grupos, chamados *reinos* da natureza: o *reino animal*, o *reino vegetal*, e o *reino mineral*.

Os animaes formam o primeiro reino. O estudo delles tem o nome de *zoologia*.

As plantas pertencem ao reino vegetal, e são estudadas pela *botanica*.

Os corpos que não têm vida, como as pedras, a areia, a agua, os metaes, formam o reino mineral. O estudo destes corpos tem o nome de *mineralogia*.

O estudo da *zoologia*, da *botanica* e da *mineralogia* chama-se *historia natural*.



6. *Hymno dos sentidos*

*Tenho olhos para fitar
 Todo o meu lar e o horizonte ;
 As brancas ondas do mar,
 A campina, a serra e a fonte ;*

*Para ver a flor gentil,
 Que, ao vir o abril, nos perfuma ;
 E animaes e rios mil,
 Estrellas, lirios, espuma ...*

*E tenho olhos tambem,
 Pra minha mãe e meu pai ;
 E para avistar além
 O Ser de quem tudo sae,*

*Que fulgura lá nos céos,
Com mil trophéos ao redor;
O Ser que se chama Deus,
Pai da Justiça e do amor.*

*Tenho ouvidos p'ra escutar
A voz do mar e das selvas,
A voz da brisa, a chorar
Na escarpa, cheia de relvas.*

*A voz do arroyo que passa,
E, toda graça, a das aves
Quê fazem, do lago, taça
Com seus biquinhos suaves.*

*E tenho ouvidos p'ra ouvir
O doce rir e as canções
De minha mãe que o porvir
Me faz d'ouro, entre orações.*

*E, assim vendo e assim ouvindo
Tudo que é lindo, que é bom,
Julgo ouvir meu Deus infindo,
No vibrar dum grande som.*

*E em todos os mais sentidos
Vejo, indefinidos, os céos,
Pois, como o olhar e os ouvidos,
Todos me dizem: — Ha Deus !*

José Agostinho



7. Pontualidade

Timótheo nunca chegava á escola á hora de começar a aula. Sempre tinha notas más. O professor dizia comsigo: «Este menino é incorrigivel».

Mas, graças aos cuidados de sua mãe, Timotheo afinal se corrigiu.

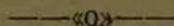
Um bello domingo, quando chegou a hora do almoço, Timótheo não achou nada na mesa. Sentou-se e esperou muito tempo, sem que o viessem servir. Afinal zangou-se, porque a criada se havia demorado muito. A' hora da merenda, fizeram-no esperar ainda mais, pelo que ficou fu-

rioso. Ao jantar foi a mesma cousa. A' ceia, Timótheo, depois de longa espera, não se pôde conter: desatou a chorar, porque, dizia elle, estava com fome e não havia nada prompto.

Então sua mãe lhe disse:

— Queixas-te, meu filho, de que te fazem esperar e nada está prompto e preparado quando desejas. E tu tens sempre promptas, á hora da aula, as tuas lições? Chegas sempre a tempo á escola? E's cumpridor dos teus deveres?

Timótheo, que era intelligente, comprehendeu a lição e no dia seguinte foi o primeiro a chegar á escola e, pouco tempo depois, era o primeiro da classe.



8. Uma boa lição

Estava um menino chamado Hippólyto a tomar conta de uma vacca em um pasto vizinho ao jardim de seu pai.

Perto dalli viu um araçazeiro coberto de fructos maduros. Hippólyto não pôde resistir ao desejo de comer aquelles araçás e, deixando a vacca, encaminhou-se para a arvore, na qual subiu.

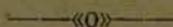
A vacca, vendo-se sózinha e sem guarda, entrou no jardim, comeu plantas e flores á vontade, e estragou muitas com os pés.

Quando Hippólyto desceu do araçazeiro e viu o estrago que a vacca tinha feito, ficou furioso e tomou uma grande vara para lhe bater.

Mas seu pai, que tudo tinha visto, chegou-se a elle e lhe disse em tom severo:

— Quem merece castigo, tu ou esse animal, que não sabe distinguir o bem do mal? Não satisfizeste o teu appetite da mesma sorte que o animal, que tinhas obrigação de vigiar? Entretanto querias dar-lhe um castigo não merecido, esquecendo-te de que o mal que a vacca fez foi devido ao teu descuido.

Hippólyto ficou muito triste com o acontecido e também muito envergonhado, porque viu que seu pai lhe estava dizendo a pura verdade.



9. A raposa e as uvas

*Contam que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Viu roxos, maduros cachos
Pendentes d'alta latada.*

*De bom grado os trincaria;
Mas, sem lhes poder chegar,
Disse: "Estão verdes, não prestam,
Só cães os podem tragar."*

*Eis cae uma parra, quando
Proseguia o seu caminho;
E, crendo que era algum bago,
Volta depressa o focinho.*

Bocage

10. Carta de parabens

Florianopolis, 8 de janeiro de 1920

Minha querida Mãe.

As saudades que sinto da Senhora são dobradas hoje, dia de seu aniversário.

Depois que me separei da Senhora é que pude vêr quanto a estimo. Nem posso entender como tantas vezes desobedeci a suas ordens e recebi seus conselhos com maus modos.

Ah! minha querida Mãezinha, muito me arrependo de lhe ter dado desgostos, e creio que hoje, dia de festa para a Senhora, lhe será agradável ouvir esta declaração sincera que lhe faz seu filho.

Creio ser este o presente mais agradável que lhe posso fazer. A elle accrescento meus parabens e os votos que dirijo a Deus para que a Se-

nhora tenha vida muito longa e muito feliz.

Abraça-a e beija-lhe as mãos muito respeitosa-
mente
seu filho saudoso

Manuel.

— «O» —

11. **O papel e a corda.**

(Parabola)

Um dia certo professor passeava com um seu discipulo e viu um pedaço de papel na rua.

—Apanha aquelle papel, disse elle ao discipulo, e vê si tem algum cheiro.

O discipulo apanhou o papel e disse:

—Tem cheiro agradavel.

—Donde lhe virá esse perfume? perguntou o professor.

—Provavelmente, respondeu o discipulo, de ter embrulhado algum objecto perfumoso.

Continuaram a passear e o professor viu noutra rua um pedaço de corda.

—Apanha aquella corda, disse elle ao discipulo, e vê si tem algum cheiro.

—Tem mau cheiro.

—Donde lhe virá esse cheiro? perguntou o professor.

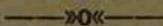
—Parece que serviu para atar peixe estragado.

Então o professor observou:

—O contacto com as cousas puras e perfumadas communica bom aroma; o contacto com as cousas impuras e corrompidas communica cheiro desagradavel.

Vive com os bons e serás um delles.

Foge dos maus para não seres mau como elles.



Dize-me com quem andas, e dir-te-ei quem és.

Uma má ovelha põe um rebanho a perder.

12. *A lição*

— «A, b, c...» — *E mal olhava,
Alheio e triste. Que tinha?
Seu pensamento caminha;
Das mãos o livro tombava.*

— «Sabe, Mãe! do que eu gostava?
Era de ser andorinha:
Desde a manhã á noitinha,
Batia as azas, voava!»

— «Então, não scismes, á toa!
Quem sabe lêr tambem voa, —
Diz-lhe a mãe em voz serena.

«Azas de luz... Estudando,
Vão-se em nossa alma ajuntando:
Letra a letra: penna a penna!»

A. Correa de Oliveira

—«O»—

*A amizade é uma virtude; não existe
entre os maus.*

13. O lobo e o esquilo

(Fabula)

Um esquilo, saltando de ramo em ramo, cahiu certo dia sobre um lobo adormecido.

O lobo agarrou-o e tratou de devorá-lo.

O esquilo supplicou-lhe que o poupasse.

— Está bem, disse o lobo, eu te perdorei a vida, mas com a condição de que me digas por que razão vós os esquilos andais sempre tão alegres. Eu ando sempre aborrecido, e, entretanto, vos vejo sempre satisfeitos e dispostos a brincar.

O esquilo respondeu:

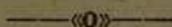
— Tenho medo de ti, não tenho coragem de falar; deixa-me saltar sobre um ramo e dir-te-ei.

O lobo soltou-o.

O esquilo subiu a uma arvore e de lá lhe disse:

— Tu te aborreces sempre, porque és mau; a crueldade secca o coração. Nós somos alegres, porque somos bons e não fazemos mal a pessoa alguma.

Leão Tolstoi



14. As plantas

Cada arvore, cada arbusto, cada her-
vazinha, é uma officina.

Numa se fabrica a madeira; noutra, o
linho; em outra, o algodão; em outra, o pão;
em outra, a fructa; em outra, o azeite; em
outra, o vinho; nestas, os remedios; na-
quellas, os regalos; em todas, o ar vital,
que nos alarga os peitos, restituindo-nos,
com a saúde, serenidade e satisfação.

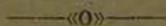
A. F. de Castilho

15. Doçura e bondade

Há entre vós, meus filhos, indoles violentas, que não sabem dominar-se, e que se deixam arrastar pelas primeiras impressões. E' um grande defeito, e urge emendal-o: conduz a desavenças e á prática de acções, cujo arrependimento chega tarde. Citar-vos-ei dois casos de que fui testemunha.

Um rapaz, sacudido violentamente na rua por um homem que vinha diante d'elle, volta-se e dá-lhe uma bofetada.

— Oh! senhor! exclamou o outro, mal sabe o remorso que vai ter! bateu num cego!



Um homem ainda novo, montado num burro, atravessava uma aldeia, e uns camponezes grosseiros começaram a apupal-o, e a bater no burro, para o fazer correr. O homem apeou-se, foi direito a elles e, mostrando-lhes a sua perna aleijada, disse-lhes:

—Si soubésseis que eu era coxo, não teríeis sido tão covardes.

Os camponeses, envergonhados, coraram, afastando-se sem pronunciar uma palavra.

Que vos parecem estas duas lições? Estou convencido que aproveitaram a quem as recebeu.

Guerra Junqueiro

—«0»—

16. Os tres salteadores

Tres salteadores mataram e despojaram um negociante que viajava por um matto com grande quantidade de dinheiro e preciosidades. Esconderam o thesouro roubado em sua caverna e, como sentissem fome, foi o mais moço delles á cidade para comprar comida.

Depois de elle ter desaparecido, os outros dois disseram:

—Para que havemos de repartir estas riquezas com aquelle rapaz? Matemol-o, quando voltar.

O joven salteador pensou pelo caminho :

—Como seria feliz, si todo aquelle dinheiro me pertencesse! Vou envenenar meus dois companheiros. Assim tudo ficará para mim só.

Tendo chegado á cidade, comprou viveres, misturou veneno ao vinho e voltou para o mató.

Apenas tinha posto o pé na caverna, os outros dois se arremessaram contra elle e o assassinaram a punhaladas. Em seguida, sentaram-se, comeram, e beberam o vinho envenenado.

Dahi a pouco começaram a sentir os effeitos do veneno e morreram debaixo de dôres horriveis.

Mais tarde foram achados os cadaveres dos tres salteadores no meio dos thesouros que tinham roubado.

17. *As abelhas*

*As abelhas pequeninas
São cuidadas,
Habilidosas,
Laboriosas,
Muito ladinhas.*

*Douradas, ao sol dourado,
Colhem nas flores do prado
O seu cheiro perfumado.*

*E dizem, ao aspiral-o
Num jardim ou num vergel:
—“Que rico cheiro! E' um regalo!
Vamos já já transformal-o
No nosso mel!”*

*E andam a voar,
Sem descançar,
A trabalhar
Do sol nascente
A sol poente,
Constantemente...
Vivem voando
E trabalhando*

No seu serviço
 Lá no cortiço...
 Em revoadas
 Continuadas
 Vão revoando
 Pelo caminho,
 E vão cantando,
 E vão cantando
 Muito baixinho...

Que rico cheiro... E' um regalo!
 Por isso o mel sabe tão bem á gente...

Ja provaram?

Não gostaram?

E' ouro doce e luzente.

E' porque nos sabe as flores

—Rosas de todas as côres—

Onde as abelhas poisaram já,

A' luz do dia,

Que as alumia

Com seu encanto,

E a tudo quanto

Na Terra está...

Affonso Lopes Vieira

18. Repreensão amigavel

Florianopolis, 11 de janeiro de 1920

Meu querido Alfredo.

Recebi tua cartinha de ante-hontem. Havia muitos dias já que eu e todos de casa esperavamos noticias tuas. Ficámos todos muito alegres, por saber que estás gozando boa saúde.

Com a franqueza de irmão que muito te estima, devo dizer-te que tua carta, devido ao pouco cuidado com que foi escripta, me desagradou tanto que não tive coragem de dal-a a Papai, para que elle a lêsse.

As phrases estão mal redigidas; as palavras estão cheias de erros de orthographia; as emendas são sem conta; sem conta são tambem as palavras que são adivinhadas e não lidas, devido á letra horrivel com que foram escriptas.

Bem sei que és um principiante nos estudos; mas, com um pouco de

esforço e de capricho, podias ter evitado a maioria dos defeitos que aponteí em tua cartinha.

Estou certo de que attenderás a este meu conselho de irmão e amigo. Assim, espero para breve nova carta tua, que eu, muito alegre, mostrarei a Papai, para que elle veja o teu progresso nos estudos e também a attenção e capricho que empregas em teus trabalhos.

Todos de casa mandam-te lembranças.

Com muita estima, abraça-te
o teu irmão e amigo certo

Alvaro.

—«O»—

O coração e os olhos
São dois amigos leaes:
Quando o coração está triste,
Logo os olhos dão signaes.

19. O poder do exemplo

I

Benedicto era muito velhinho: tinha já completado oitenta annos de idade.

Na mocidade, e mesmo durante grande parte da sua velhice honrada, ninguem tinha trabalhado mais do que elle.

Quando não pôde mais occupar-se em nenhum serviço, Benedicto foi morar em companhia de seu filho mais velho.

Com o pòbre velhinho, todo acurvado ao peso de tantos annos, todo tremulo, era necessario ter muitos cuidados.

A' mesa, por occasião das refeições, tremiam-lhe tanto as mãos que muitas vezes derramava a sopa na toalha e deixava cahir os copos e os pratos, que se despedaçavam no chão.

O filho e a mulher, — pois o filho mais velho de Benedicto era casado, — ralhavam

sempre com o velhinho, e mostravam-se cada vez mais aborrecidos com os prejuizos que iam tendo.

Por fim, resolveram servir a comida ao velho numa cuia e faziam-n-o sentar-se no chão, ao pé da mesa, para tomar a sopa na feia vasilha.

Luizinho, o netinho, viu que o avô já não se sentava á mesa, e ficou triste.

Dias depois, os pais viram-n-o brincando com um pedaço de taboa, muito entretido, a cortal-o com uma faca.

A mãe perguntou-lhe:

— Que estás fazendo, meu filho?

— Estou fazendo um prato para dar de comer a papai e mamãe, quando eu fôr grande, e mamãe e papai ficarem tão velhinhos como vovô.

Ouvindo as palavras da criança, os pais comprehenderam quanto eram ingratos com o velhinho; e arrependidos, fize-

ram-n-o sentar-se á mesa, no seu antigo lugar.

Dahi por deante, o filho de Benedicto e a mulher trataram-n-o com o respeito, o amor e o desvelo que os filhos devem aos paes.

II

Outro caso semelhante succedeu com um velhinho que, morando com um filho casado, era tratado de modo tão duro que pediu que o levassem ao hospital.

O filho ingrato recebeu com alegria o pedido do velho, que foi logo levado para o hospital. Como esta casa de caridade fosse muito pobre, resolveu-se o velho a pedir a seu filho que lhe mandasse dois lençóes para cobrir a palha que lhe servia de leito.

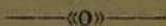
O mau filho escolheu os lençóes mais rotos que tinha em casa e disse a um seu filhinho de oito annos que os fosse levar ao avô. Mas notou que a criança, ao sahir,

tinha escondido um dos lençoes a um canto, atrás da porta.

Quando o menino voltou, perguntou-lhe o pai por que fizera aquillo.

—Foi, respondeu desabridamente a criança, para me servir mais tarde deste lençol, quando pela minha vez te mandar para o hospital.

O pai do menino entendeu então o feio acto de ingratição que tinha commettido e, trazendo seu velho pai para casa, tratou-o dahi em diante com muito amor e paciencia.



20. A grandeza do Brasil

O Brasil é um dos paizes maiores do mundo.

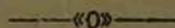
E' quasi do tamanho da Europa.

E' quinze vezes maior do que a Allemanha; é tambem quinze vezes maior do

que a França. E' vinte e sete vezes maior do que a Inglaterra. E' trinta vezes mais extenso do que a Italia. E' noventa vezes mais extenso do que Portugal. E' quasi trezentas vezes maior do que a Belgica.

E as terras do Brasil têm a vantagem de ser todas aproveitaveis, porque entre nós não ha desertos nem geleiras nem regiões onde o homem não possa viver.

No Brasil poderia habitar commodamente toda a população actual da Terra.



21. *Para a escola*

*Uma roseira abotoada,
Pelo orvalho acariciada,
Espera o sol para abrir...*

*Crianças, botões de flores,
Não bastam mimos de amores...*

A Escola é luz a sorrir!

No seu serviço
 Lá no cortiço...
 Em revoadas
 Continuadas
 Vão revoando
 Pelo caminho,
 E vão cantando,
 E vão cantando
 Muito baixinho...

Que rico cheiro... É um regalo!
 Por isso o mel sabe tão bem á gente...

Ja provaram?

Não gostaram?

É ouro doce e luzente.

É porque nos sabe as flores

—Rosas de todas as côres—

Onde as abelhas poisaram já,

A luz do dia,

Que as alumia

Com seu encanto,

E a tudo quanto

Na Terra está...

Affonso Lopes Vieira

18. Reprehensão amigavel

Florianopolis, 11 de janeiro de 1920

Meu querido Alfredo.

Recebi tua cartinha de ante-hontem. Havia muitos dias já que eu e todos de casa esperavamos noticias tuas. Ficámos todos muito alegres, por saber que estás gozando boa saúde.

Com a franqueza de irmão que muito te estima, devo dizer-te que tua carta, devido ao pouco cuidado com que foi escripta, me desagradou tanto que não tive coragem de dal-a a Papai, para que elle a lêsse.

As phrases estão mal redigidas; as palavras estão cheias de erros de orthographia; as emendas são sem conta; sem conta são tambem as palavras que são adivinhadas e não lidas, devido á letra horrivel com que foram escriptas.

Bem sei que és um principiante nos estudos; mas, com um pouco de

esforço e de capricho, podias ter evitado a maioria dos defeitos que aponteí em tua cartinha.

Estou certo de que attenderás a este meu conselho de irmão e amigo. Assim, espero para breve nova carta tua, que eu, muito alegre, mostrarei a Papai, para que elle veja o teu progresso nos estudos e também a attenção e capricho que empregas em teus trabalhos.

Todos de casa mandam-te lembranças.

Com muita estima, abraça-te
o teu irmão e amigo certo

Alvaro.

—«O»—

O coração e os olhos
São dois amigos leaes:
Quando o coração está triste,
Logo os olhos dão signaes.

19. O poder do exemplo

I

Benedicto era muito velhinho: tinha já completado oitenta annos de idade.

Na mocidade, e mesmo durante grande parte da sua velhice honrada, ninguem tinha trabalhado mais do que elle.

Quando não pôde mais occupar-se em nenhum serviço, Benedicto foi morar em companhia de seu filho mais velho.

Com o pöbre velhinho, todo acurvado ao peso de tantos annos, todo tremulo, era necessario ter muitos cuidados.

A' mesa, por occasião das refeições, tremiam-lhe tanto as mãos que muitas vezes derramava a sopa na toalha e deixava cahir os copos e os pratos, que se despedaçavam no chão.

O filho e a mulher, — pois o filho mais velho de Benedicto era casado, — ralhavam

sempre com o velhinho, e mostravam-se cada vez mais aborrecidos com os prejuizos que iam tendo.

Por fim, resolveram servir a comida ao velho numa cuia e faziam-n-o sentar-se no chão, ao pé da mesa, para tomar a sopa na feia vasilha.

Luizinho, o netinho, viu que o avô já não se sentava á mesa, e ficou triste.

Dias depois, os pais viram-n-o brincando com um pedaço de taboa, muito entretido, a cortar-o com uma faca.

A mãe perguntou-lhe:

— Que estás fazendo, meu filho?

— Estou fazendo um prato para dar de comer a papai e mamãe, quando eu fôr grande, e mamãe e papai ficarem tão velhinhos como vovô.

Ouvindo as palavras da criança, os pais compreenderam quanto eram ingratos com o velhinho; e arrependidos, fize-

ram-n-o sentar-se á mesa, no seu antigo lugar.

Dahi por deante, o filho de Benedicto e a mulher trataram-n-o com o respeito, o amor e o desvelo que os filhos devem aos paes.

II

Outro caso semelhante succedeu com um velhinho que, morando com um filho casado, era tratado de modo tão duro que pediu que o levassem ao hospital.

O filho ingrato recebeu com alegria o pedido do velho, que foi logo levado para o hospital. Como esta casa de caridade fosse muito pobre, resolveu-se o velho a pedir a seu filho que lhe mandasse dois lençóes para cobrir a palha que lhe servia de leito.

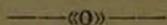
O mau filho escolheu os lençóes mais rotos que tinha em casa e disse a um seu filhinho de oito annos que os fosse levar ao avô. Mas notou que a criança, ao sahir,

tinha escondido um dos lençoes a um canto, atrás da porta.

Quando o menino voltou, perguntou-lhe o pai por que fizera aquillo.

—Foi, respondeu desabridamente a criança, para me servir mais tarde deste lençol, quando pela minha vez te mandar para o hospital.

O pai do menino entendeu então o feio acto de ingratidão que tinha commetido e, trazendo seu velho pai para casa, tratou-o dahi em diante com muito amor e paciencia.



20. A grandeza do Brasil

O Brasil é um dos paizes maiores do mundo.

E' quasi do tamanho da Europa.

E' quinze vezes maior do que a Allemanha; é tambem quinze vezes maior do

que a França. E' vinte e sete vezes maior do que a Inglaterra. E' trinta vezes mais extenso do que a Italia. E' noventa vezes mais extenso do que Portugal. E' quasi trezentas vezes maior do que a Belgica.

E as terras do Brasil têm a vantagem de ser todas aproveitaveis, porque entre nós não ha desertos nem geleiras nem regiões onde o homem não possa viver.

No Brasil poderia habitar commodamente toda a população actual da Terra.

—«O»—

21. *Para a escola*

*Uma roseira abotoada,
Pelo orvalho acariciada,
Espera o sol para abrir...*

*Crianças, botões de flores,
Não bastam mimos de amores...
A Escola é luz a sorrir!*

*Retoiçando um dia inteiro,
Com sêde desce ao ribeiro
Um rebanho de ovelhinhas. . .
A Escola é agua a correr. . .
Descei á Escola a beber,
Vinde, vinde, criancinhas:*

*Coitado o que na cadeia,
Em que o ar e a luz rareia,
Espia acaso algum crime!
A Escola é prisão, mas calma,
Que dá luz e ar á alma,
E que a liberta e redime.*

*Mal emplumado, do ninho
Já sahiu o passarinhc...
Lá vóa por sobre as casas.
Criança, ave a emplumar,
Vinde aprender a voar!
Vinde á Escola p'ra ter azas!*

Anna de Castro Osorio

22. O tolo e as moscas

Um maluquinho que trazia a cabeça rapada, não podia supportar as moscas que lhe pousavam em cima e lhe davam mordidelas atrozes.

Lembrou-se—sabem de que?—de ir ao juiz apresentar uma queixa contra as moscas, que tanto o incommodavam.

O juiz, que o conhecia e estava para se rir um bocado, attendeu-o com toda a seriedade e no fim deu por sentença:—que onde quer que elle visse uma mosca podia usar do seu direito e dar-lhe uma paulada.

O maluquinho, que isto ouviu, olha para a cabeça do juiz, vê uma mosca pousada, e zás! ferra-lhe uma tão grande pancada que o deixou como morto.

Prenderam-n-o e queriam julgal-o, mas elle defendeu-se com a sentença que lhe mandava dar uma paulada nas moscas on-

de quer que as visse. Não tiveram remédio sinão deixal-o em liberdade.

Bem certo é—que com tolos nem para o céu.

Anna de Castro Osorio

—«O»—

23. A figueira e o junco

Depois de uma noite muito tempestuosa, um pai foi com seu filho ao campo, para vêr os estragos causados pelo temporal.

— Ora, veja! exclamou o rapaz; lá está por terra a figueira grande, que parecia tão forte, enquanto o junco ainda está em pé á beira do ribeirão. Sempre pensei que a ventania derribasse mais facilmente o junco do que a figueira.

— Meu filho, respondeu o pai, a figueira não soube dobrar-se e por isso quebrou; mas o junco foi poupado, porque se curvou ás rajadas da ventania.

24. O bom estudante

O bom estudante levanta-se cedo, tanto no verão como no inverno. Deita-se também cedo, mas depois de ter preparado as lições do dia seguinte.

Não perde tempo em inutilidades. Todos os dias estuda cerca de quatro horas.

De manhã, antes de sair para o collegiô, repassa suas lições.

Tem os cadernos limpos, sem borrões nem rasuras. Cuida muito dos livros, trazendo-os sempre encapados em papel grosso.

Só falta ás aulas por motivo muito sério e chega sempre á hora.

Respeita os seus professores e estima os seus condiscipulos.

E' delicado e condescendente para todos. Está sempre prompto a prestar serviços seja a quem fôr.

Nunca usa de expressões improprias de pessoas bem educadas.

Tem muito amor a seus pais: sacrifica-se, si fôr necessario, para lhes poupar dissabores.

Pensa muitas vezes no melhor meio de vir a ser um cidadão util a si, á familia, á Patria e á humanidade.

—«0»—

25. Pedido justo

Gravatá, 25 de janeiro de 1920

Meu caro Euclides

A ti e a todos os teus desejo saúde e felicidades.

Eu e minha familia vamos passando sem novidades.

Certamente já tiveste noticia do triste facto que ante-hontem abalou a vida pacata desta povoação,

Um incendio pavoroso, em pouco mais de uma hora, reduziu a um montão de ruínas a ferraria e a casa de morada do velho Joaquim Ambrosio. O incendio rebentou á noite e justamente em occasião em que o velho e sua mulher se achavam fóra passando a noite em casa de um parente enfermo.

O incendio surprehendeu adormecidas as outras pessoas de casa, que a custo conseguiram salvar-se.

O prejuizo do pobre e honrado velho foi total,

Elle e a familia ficaram unicamente com a roupa do corpo.

Uma desgraça que a todos comoveu!

O pobre homem e a familia, que se compõe de dez pessoas, não ficaram ao desabrigo, porque amigos e parentes lhes offereceram agasalho,

Mas o velho ferreiro, que é homem animoso, quer voltar a trabalhar, quer entrar como simples operario em outra officina, porque não se conforma com a situação de viver de esmolos.

Comprehendes que é duro passar de patrão a empregado, e principalmente depois que um homem chegou á idade do bom Joaquim Ambrosio.

Venho, por isso, pedir que nos auxiliés nos esforços que estamos empregando no sentido de conseguir meios para offerecer ao desventurado ferreiro uma officina nova e bem montada.

Teu pai é rico e caridoso e, sendo filho desta povoação, onde tambem nasceste, não se negará de certo a nos enviar algum donativo.

Elle conhece bem o sr. Joaquim Ambrosio e, sem duvida, ha de estender a mão a esse homem di-

gno e trabalhador que foi attin-
gido por uma tão grande desgraça.

Espero, pois, que lhe mostres
esta carta e que me dês com bre-
vidade uma resposta, que tenho
certeza será animadora;

Com muita estima abraça-te
o teu amigo certo

Achilles

—«O»—

26. *Utilidade da chuva*

*Emquanto a chuva cahia
Batendo contra a janella,
A' pequenina Arabella
A linda mamã dizia:*

*—Esta chuva pertinaz,
Tão grossa, incômmoda e espessa,
Talvez a ti te pareça
Que só prejuizos traz.*

*De facto, ás vezes, atrasa
De uma fórma impertinente*

*O serviço dessa gente
Que vive fóra de casa.*

*Tu mesma estás a chorar,
Cheia de raiva e de queixa,
Porque a chuva não te deixa
Ir á rua passear.*

*Como a viva claridade
Do sol ardente, que brilha,
Esta chuva minha filha,
Tem a mesma utilidade.*

*A's plantas, que, de calor,
Estão murchando, infelizes,
Ella dá pelas raizes
Vida, frescura e vigor.*

*Chove ha tres dias, por isso,
Até onde o olhar se perde,
O campo todo está verde,
E as plantas cheias de viço.*

*Tanto á chuva, que jorrou,
Como ao sol, que os campos doura,
A tudo a Mão creadora
Docemente abençoou».*

Francisca Julia e Julio da Silva

—«O»—

27. A flauta do pastor

Um rei tinha um thesoureiro que do estado de simples pastor se havia elevado a esse posto importante.

O thesoureiro, como acontece com todas as pessoas bem collocadas, tinha inimigos e estes o accusaram perante o rei de roubar o dinheiro do governo e guardal-o em um subterraneo, que trazia fechado por uma porta de ferro.

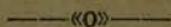
O rei foi ter com o thesoureiro, e visitou seu palacio. Quando chegou diante da porta de ferro, mandou-lhe que a abrisse.

Entrando no subterraneo, o rei ficou admirado por não encontrar sinão as quatro paredes, uma mesa simples e uma cadeira de palha. Em cima da mesa viam-se uma flauta, um cajado e uma bolsa de pastor.

O thesoureiro, porém, disse:

— Em minha mocidade guardava ovelhas. Tu, ó rei, me chamaste para a tua côrte. Desde então dei em vir diariamente a este subterraneo uma hora para lembrar-me da minha condição primitiva; aqui, repetia as canções que outr'ora cantava em louvor do Creador, quando pastoreava o meu rebanho. Ah! deixa-me voltar para minhas campinas paternas, onde vivia mais feliz do que na tua côrte.

O rei zangou-se muito com aquelles que haviam calumniado esse homem tão nobre; e, abraçando-o, rogou-lhe que ficasse com elle.



28. O Descobrimento do Brasil

No dia 22 de abril do anno de 1500, Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil.

Cabral era um almirante portuguez que navegava para a India com uma esquadra de treze navios.

A primeira terra que Cabral avistou foi um monte arredondado, a que deu o nome de *Monte Paschoal*, por ter sido visto na quarta-feira depois da festa da Paschoa. Este monte fica ao sul do Estado da Bahia.

Cabral aproximou-se da costa e procurou um porto onde a frota se pudes-se abrigar.

Ancorou numa enseada, a que deu o nome de Porto Seguro, e que é provavelmente a enseada que hoje se chama *Santa Cruz* e também *Bahia Cabrália*.

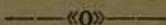
Num ilhéu que havia dentro do porto, foi celebrada a 26 de abril uma missa.

Outra missa foi celebrada no dia 1.º de maio, em terra firme, com muita pompa e em presença dos indios, que, em grande numero, espantados, assistiram ás cerimónias.

Esta missa foi cantada ao pé de uma grande cruz de madeira que, com ajuda dos indios, os portuguezes ergueram.

— Em minha mocidade guardava ovelhas. Tu, ó rei, me chamaste para a tua côrte. Desde então dei em vir diariamente a este subterraneo uma hora para lembrar-me da minha condição primitiva; aqui, repetia as canções que outr'ora cantava em louvor do Creador, quando pastoreava o meu rebanho. Ah! deixa-me voltar para minhas campinas paternas, onde vivia mais feliz do que na tua côrte.

O rei zangou-se muito com aquelles que haviam calumniado esse homem tão nobre; e, abraçando-o, rogou-lhe que ficasse com elle.



28. O Descobrimento do Brasil

No dia 22 de abril do anno de 1500, Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil.

Cabral era um almirante portuguez que navegava para a India com uma esquadra de treze navios.

A primeira terra que Cabral avistou foi um monte arredondado, a que deu o nome de *Monte Paschoal*, por ter sido visto na quarta-feira depois da festa da Paschoa. Este monte fica ao sul do Estado da Bahia.

Cabral approximou-se da costa e procurou um porto onde a frota se pudes-se abrigar.

Ancorou numa enseada, a que deu o nome de Porto Seguro, e que é provavelmente a enseada que hoje se chama *Santa Cruz* e tambem *Bahia Cabrália*.

Num ilhéu que havia dentro do porto, foi celebrada a 26 de abril uma missa.

Outra missa foi celebrada no dia 1º de maio, em terra firme, com muita pompa e em presença dos indios, que, em grande numero, espantados, assistiram ás cerimonias.

Esta missa foi cantada ao pé de uma grande cruz de madeira que, com ajuda dos indios, os portuguezes ergueram.

Esta scena deu assumpto para o famoso quadro «A Primeira Missa do Brasil», de que é autor o catharinense Victor Meirelles.

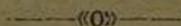
A terra, que os descobridores suppuzeram ser uma grande ilha, foi chamada *Vera Cruz*. Este nome foi mudado depois para o de *Terra de Santa Cruz*, mas prevaleceu o nome de *Brasil*, devido a uma madeira côr de brasa, que nos primeiros tempos era levada daqui em grande quantidade para a Europa.

A 2 de maio, Cabral, deixando em terra dois degredados, continuou sua viagem para a India. Em carta escripta por Pero Vaz de Caminha, que era o escrivão da armada, mandou ao rei de Portugal noticia do feliz e rico achado.

Festeja-se a 3 de maio o descobrimento, provavelmente porque os primeiros colonos suppuzeram que o Brasil, chamado a principio *Ilha de Vera Cruz*, tinha sido

descoberto no dia de *Vera Cruz*, que cae a 3 de maio.

Mais tarde, em vista da carta de Pero Vaz de Caminha, ficou provado que o descobrimento se dera a 22 de abril, mas a commemoração do facto continuou a fazer-se a 3 de maio.



29. A alma

—Mamãe, nem todas as creanças vão para o Paraiso. Outro dia vi levar para o cemiterio um menino que tinha morrido; o seu papae e as irmãzinhas acompanhavam o caixão e choravam tanto que fazia pena. Lam a chorar porque aquelle menino tinha sido mau, não é verdade?

—Não: naturalmente foi sempre bom e sua alma, enquanto choravam seus pais e suas irmãs, já estava vivendo feliz no Paraiso.

—A alma, mamãe; não sei o que isso é, não compreendo bem.

—Maria, acabas de dizer que tiveste pena de ver chorar as duas pequerruchas.

—Tive, sim, mamãe; tive muita pena.

—Ora bem; que é que no teu corpo estava desconsolado e triste? eram os braços?

—Não, mamãe.

—Eram as orelhas?

—Oh! não, mamãe: era *cá dentro*,

—Esse *lá dentro*, Maria, é a tua alma, que se alegra ou se entristece, que te reprehende quando fazes o mal, e que está satisfeita quando praticas o bem.

Guerra Junqueiro

30. O castigo da indolencia

Um lavrador ia um dia viajando por uma estrada, acompanhado do filho que, ainda creança, o estava sempre a interpellar, perguntando-lhe mil futilidades. Em dado momento, o homem, parando de repente, disse ao menino:

— Farias muito melhor, em vez de estares ahí a falar, em apanhar aquella ferradura, que é um objecto que, conservado como parece estar, póde ainda ser vendido e render alguma cousa.

— Qual, meu pae! Não vale a pena atravessar a estrada por causa daquillo, que não paga nem mesmo o trabalho de uma pessoa se abaixar para o apanhar.

O homem sem dizer cousa alguma, foi buscar o objecto que tinha mostrado ao filho e guardou-o.

Mais adeante, vendeu-o a um ferrador, comprando com o dinheiro uma boa porção de cerejas.

O sol estava abrasador. O caminho agora ermo e descampado, não offerencia abrigo de especie alguma.

O menino, um tanto cansado, começava a sentir os effeitos do calor, e difficilmente podia supportar a sêde, que o estava martyrizando.

O pae deixou então cahir uma cereja, que o menino tratou logo de apanhar para refrescar a garganta e mitigar a sêde. E tantas e tantas foram depois cahindo, quantas elle foi sofregamente apanhando, até se acabarem de todo.

— Ahi tens, disse-lhe então o pae, tu não te quizeste abaixar uma vez, para apanhar a ferradura, e no entanto te abaixaste muitas e muitas vezes para apanhar, não deixando perder uma só, as cerejas que valiam menos do que aquelle pedaço de ferro.

31. *Canção do exílio*

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorgueiam,
Não gorgueiam como lá.*

*Nosso céu tem mais estrellas,
Nossas varzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida, mais amores.*

*Em scismar sózinho, á noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.*

*Minha terra tem primores,
Que taes encontro eu cá;
Em scismar — sózinho, á noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.*

*Não permitta Deus que eu morra,
Sem que volte para lá;
Sem que eu desfructe os primores
Que não encontro por cá;
Sem que inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.*

Antonio Gonçalves Dias

32. O cão fiel

Um negociante tinha um cão muito vigilante e fiel.

Certa vez voltava o negociante a cavallo duma feira, onde tinha recebido muito dinheiro.

Trazia o dinheiro numa maleta segura por correias á sella.

O cão corria ao lado delle.

A pouco e pouco, deslaçaram-se as correias que seguravam a maleta e esta cahiu ao chão, sem que o negociante des-se por tal.

O cão, todavia, notou o caso e começou a ganir.

O negociante seguiu seu caminho, sem se voltar para trás.

Como o cão fosse ganindo e ladrando cada vez mais alto, o dono bateu-lhe com o chicote.

Mas o fiel animal não se calou. Saltou ao cavallo, mordeu-o nos pés, para que não pudesse andar mais.

E, com a agitação, cobria-se-lhe o focinho d'espuma.

O dono pensou que o cão estava damnado, deu-lhe um tiro de pistola e seguiu o seu caminho.

Depois de ter percorrido mais uma parte da estrada, fez um movimento casual e deu pela falta da maleta.

Voltou sem demora e viu espalhado pelo caminho o sangue do seu cão. Finalmente chegou aonde tinha caído a maleta.

Jazia alli o fiel animal ao pé da maleta: agitou a cauda, lambeu as mãos do dono e morreu.

33. O seu a seu dono

I

Uma vez ia Thomaz para a escola e encontrou no caminho um bonito canivete de madreperola.

A primeira idéa do menino foi aposar-se do objecto, pois se julgava com este direito, visto tel-o achado.

Entretanto uma voz do interior lhe dizia: «Commetterás um roubo e serás um criminoso».

Thomaz ouviu esta voz amiga e decidiu-se a restituir o canivete a seu dono.

— Mas quem será o dono? interrogava Thomaz a si mesmo.

«Como poderei encontral-o? como se chama»?

II

Pela segunda vez estava o menino tentado a guardar o canivete, e dizia:

—Como é bonito! Eu bem precisava de um canivete assim. Deve ser muito bom, deve cortar perfeitamente. Esta chapinha deve ser de prata...

Nisto observa que ha um nome gravado na chapinha, e exclama:

— Ha de ser o nome do dono!

E Thomaz pôde lêr;—José Bonifacio.

III

O sr. José Bonifacio morava alli perto e era um velho amigo do pae de Thomaz.

O menino cumpriu o seu dever, indo restituir um objecto que não lhe pertencia.

O dono ficou por isso muito contente e recompensou a boa acção de Thomaz, dando-lhe um canivete novo e ainda mais bonito.

Hilario Ribeiro

— (O) —

34. O fabricante de cestos

Jacinto era um menino rico e orgulhoso. Confiando na riqueza, pouco se importava com estudos, só cuidava de passeios e divertimentos e zombava de Eduardo, menino pobre, que, para adquirir os meios de subsistencia, fabricava cestos e os vendia pelas ruas.

Sucedeu que estes dois meninos fizeram uma viagem no mesmo vapor: Jacinto ia como passageiro de primeira classe e Eduardo entre os marinheiros.

Sobrevindo grande temporal, o navio naufragou, salvando-se só os dois pequenos.

As ondas arrojaram-n-os semi-mortos às praias d'uma ilha habitada por selvagens.

Estes rodearam-n-os admirados e fizeram-n-os recobrar os sentidos.

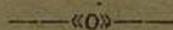
Jacinto tremia de medo ante aquella gente rude e extranha; mas Eduardo não perdeu a calma: assim que se sentiu com forças, cortou ramos d'uma especie de salgueiro e principiou a tecer um cesto, cuja feitura os selvagens seguiram com interesse; acabada a obra, offereceu-a a um selvagem que parecia ser o maioral.

Este deu mostras de satisfeito e por meio de signaes mandou que Jacinto tecesse tambem um cesto; mas elle era tão desageitado que, apesar das explicações do seu companheiro, nada conseguiu fazer.

Os selvagens, irritados, queriam maltratal-o e só a custo Eduardo os apaziguou; mas elles castigaram o menino rico d'esta maneira: obrigaram-n-o a trocar as roupas finas que trazia pelas remendadas de Eduardo, de quem ficou sendo creado.

Esta pequena historia nos mostra o valor do saber; as riquezas podemos per-

del-as por qualquer vicissitude da vida; só os conhecimentos, só a sabedoria são cousas estaveis, cousas que ninguem nos pôde tirar.



35. Guarda o que comer, não guardes o que fazer

Antonio era lavrador. Um dia disse elle comsigo: „Amanhã hei de começar a lavrar o meu campo; é preciso não perder tempo, porque a estação não tarda a passar e, si eu deixar de amanhar a terra, não terei trigo e por conseguinte não terei pão».

O dia de amanhã veio. Ao romper da aurora, Antonio já estava de pé, apparelhando o arado para começar o trabalho. Nisso chega um seu amigo e convida-o para um almoço em familia. Antonio a principio hesitou, mas pensou um pouco e disse comsigo: «Um dia mais, um dia menos que

mal pôde fazer? e um dia de prazer perdido, este não volta mais».

Resolveu, pois, ir almoçar com o amigo, em cuja companhia passou o resto do dia.

No dia immediato estava cansado e com pouca disposição para o trabalho; tinha comido e bebido demais na vespera e sentia-se mal do estomago e da cabeça.

«Amanhã, pensava elle, recuperarei o meu dia perdido de hoje.»

Chegou o outro dia. Amanheceu chovendo, e Antonio ficou muito contrariado por não poder sahir a trabalhar.

No dia seguinte o sol brilhava em todo o seu esplendor. Antonio sentia-se cheio de coragem para o trabalho; mas, que havia de acontecer? O cavallo do nosso Antonio por sua vez havia adoecido. Era preciso ter paciencia.

Veio o domingo, dia de descanso. Ia começar outra semana, e numa semana com um pouquinho de actividade se pôde deantar serviço.

Segunda-feira, porém, havia nos arredores uma feira, e Antonio lá não podia faltar. Desde pequeno tinha adquirido o costume de frequentar todas as feiras da cidade vizinha, e encontrava sempre um pretexto para lá ir.

Na terça-feira foi assistir ás bodas de um parente chegado. Depois teve de ir ao enterro de um amigo, e, quando se decidiu a amanhar o seu campo, o tempo da sementeira havia passado. A consequencia disso foi que, quando chegou o tempo da colheita, Antonio nada tinha para colher.

Aprendeí daqui, meus meninos, a não deixar para amanhã aquillo que podeis fazer hoje. Póde muito bem succeder que amanhã estejais impossibilitados de o fazer.

“Guarda o que comer, não guardes o que fazer”.

36. O ninho

Num bello sapotizeiro,
 Um galante passarinho,
 Trabalhando o dia inteiro,
 Tecera o seu lindo ninho.

Depois... trinou mavioso,
 Adejando brandamente;
 E penetrou, venturoso,
 Naquelle lar innocente,

Esperiei... O passarinho
 Conservou-se socegado:
 Subi então de mansinho...
 Mas... voou sobresaltado!

Partira !... O ninho ficava:
 Fui buscal-o, com destreza;
 E quando me approximava,
 Já tendo bem perto a preza...

Papai, em baixo, acenando,
 Deteve, a tempo, o meu braço;
 E que eu descesse, ordenando,
 Não me deixou dar um passo...

Regressei... Elle abraçou-me,
 Compassivo, enternecido,
 E meigamente falou-me :
 — «Que crime, filho queridô!

«Não toques naquelle galho;
 «Não bulas no bello ninho,
 «Que vae ser terno agasalho
 «Aos filhos do passarinho.

«Respeita o casto segredo,
 «Aquelle amor tão discreto,
 «Que foi buscar no arvoredô
 «Perfumes ao seu affecto...

«Os pobres animaesinhos,
 «Como nós, sentem ventura
 «Em cuidar de seus filhinhos,
 «Com carinhosa ternura!»

E lá... no sapotizeiro,
 Voltando ao ninho formoso,
 Trinava um canto fagueiro
 O passarinho amoroso...

Virgilio Cardoso de Oliveira

37. O cravo da ferradura

Um negociante tinha feito muito bom negocio numa feira; vendêra todas as suas mercadorias e enchêra d'ouro e prata os saccos de dinheiro.

Dispoz-se então para partir a fim de chegar a sũa casa antes de anoitecer.

Poz os alfôrges com o dinheiro em cima do cavallo e cavalgou.

Ao meio dia descansou numa cidade.

Quando quiz seguir caminho, o criado da estalagem trouxe-lhe o cavallo, mas disse-lhe:

— Meu amo, falta um cravo na ferradura da pata traseira esquerda.

— Que importa que falte! replicou o negociante; nas seis horas de caminho que ainda tenho de andar, não se despregará a ferradura. Tenho pressa.

A' tarde, noutro sitio onde parou para dar de comer ao cavallo, veio outro rapaz ter com elle e disse-lhe:

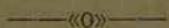
—Meu amo, ao cavallo falta a ferradura da pata traseira esquerda. Quer que o leve ao ferrador?

—Que me importa que falte! replicou o homem. Nas duas horas de caminho que ainda tenho que andar, o cavallo poderá aguentar. Tenho pressa.

Cavalgou para deante; mas pouco tinha caminhado, quando o cavallo começou a coxear e não coxeou muito tempo, porque caiu e quebrou uma perna.

O negociante teve de deixar o cavallo no meio do caminho, tomar os alfôrges, leval-os ás costas e ir para casa a pé, e chegou lá só quando a noite ia adeantada.

— O cravo encantado, disse elle consigo, foi a causa de toda esta desgraça.



38. O criado mentiroso

Certo lavrador tinha um criado que mentia por gosto.

Iam os dois uma vez a cavallo e disse o criado:

—Lá na minha terra vi, um dia, uma raposa ainda maior que a ponte de sete arcos que atravessa o rio.

—Bem andaste falando em pontes, disse o amo, pois quero dar-te um aviso. Uma vamos, daqui a pouco, atravessar, que tem um condão especial.

—Qual é? perguntou o criado.

—Abre-se no meio, quando por ella passa quem, nesse dia, haja pregado alguma peta.

O criado enfiou, e, dalli a boccadinho, disse ao amo:

—Tamanha como a ponte não seria a raposa, mas era assim como um boi muito grande.

O amo não lhe respondeu, e o criado, que ia cavalgando atrás d'elle, coçava a orelha, muito atrapalhado.

—E dahi talvez não chegasse ao tamanho dum boi: como um cavallo é que ella era, ou como um burro.

Já se avista a ponte. O moço poz-se a tremer. Si ella se lhe abrisse debaixo dos pés, a quêda era certamente mortal. Foi então dizendo:

—Era como um burro, era assim como um burro pequenino, acabado de nascer, pouco maior que um cão.

A ponte era altissima. O pobre criado, já a voz se lhe sumia toda, accrescentou:

—A verdade, pura verdade, é que a raposa era como todas as raposas.

Já o amo ia na ponte. Olhou para trás e viu o criado, que parára á entrada,

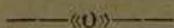
—Então? perguntou-lhe. O cavallo tem medo?

—Não, senhor, respondeu-lhe o moço. Sou eu que não me atrevo...

—Então porque?

—E' que eu, patrão, nunca vi raposa nenhuma.

E, persuadido, enfim de que já não lhe aconteceria mal, metteu esporas ao cavallo e seguiu o lavrador, que ria ás gargalhadas.



39. O talisman

Dois habitantes da mesma cidade exerciam nella a mesma industria, mas com resultados bem diversos: um enriquecia-se e o outro arruinava-se, o que não era de espantar, pois que o primeiro zelava os seus negocios com uma actividade infatigavel, emquanto que o segundo, entregue inteiramente aos seus prazeres, encarregava os extranhos da direcção da casa.

—Explica-me, disse um dia este ultimo ao seu collega, qual é a razão por que a sorte nos trata de modo tão diverso? Vendemos iguaes mercadorias, a minha loja está situada como a tua, e, apesar dis-

so, enquanto ganhas, eu não faço mais que perder. E não é porque eu seja estroina; não bebo, nem jogo. Chego a pensar algumas vezes si não terás por acaso algum feitiço ou talisman.

— Effectivamente, respondeu o outro, herdei de meu pai um talisman de uma virtude incomparavel. Trago-o ao pescoço, e ando assim com elle todo o dia, por toda a casa, do celleiro á adega, e da adega ao celleiro. E o caso é que me corre tudo ás mil maravilhas.

— Olé, meu querido collega, empresta-me pelo amor de Deus, esta reliquia milagrosa!

— Pois vem busca-la amanhã de manhã.

Quando ao outro dia foi procurar o seu generoso concorrente, apresentou-lhe este uma avellã, através da qual tinha passado um fiozinho de seda.

O nosso homem pol-a immediatamente ao pescoço, e começou a correr por to-

da a casa. Observou então a completa desordem de tudo aquillo. Na adega faltava-lhe o vinho, a cerveja e o azeite; na cozinha, o pão, a carne e os legumes; no celeiro, o milho, o trigo, o feijão; na estrebaria, o feno e a aveia, roubados das mandaduras dos cavallos; viu finalmente como os seus livros e registros andavam mal escripturados; viu tudo isto, e que era necessario remedio, comprehendendo que o dono da casa nunca pôde ser substituido por terceira pessoa na direcção dos seus negocios.

Passados dias, foi entregar ao dono o precioso talisman, agradecendo-lhe duplamente o bom conselho e a maneira delicada por que lh'o tinha dado.

Guerra Junqueiro

—«0»—

40. O que custamos a nossos paes

I

O inspector

Joãozinho contava apenas 10 annos de idade.

Era um bom estudante, cumpridor de todos os deveres escolares.

Tinha tanta habilidade para o calculo que, aos nove annos, já fazia regularmente as quatro operações da arithmetica e pequenos problemas.

Uma vez, indo o inspector visitar a escola, desejou saber qual o alumno mais habil em fazer contas.

O professor, sem hesitar, indicou Joãozinho, a quem o inspector fez a seguinte pergunta:

— Sabe quanto tem custado a seu pae ?

Como era natural, Joãozinho sentiu-se embaraçado e baixou a cabeça sem dizer palavra.

II

Uma conta

— Nunca pensou em fazer esta conta, não é verdade?. Entretanto ella é bem importante meu menino.

Vejamos:

Vestuario,

Alimento,

Lavagem de roupa, etc.

Supponha o menino que tudo isto custa 500 réis por dia. Quanto vem a ser por mez?

Joãozinho fez o calculo e respondeu:

— Quinze mil réis, sr. inspector.

— Muito bem. E que idade tem o menino?

— Dez annos.

— Diga-me agora quanto tem custado a seu pae até hoje?

Joãozinho, depois de fazer exactamente a sua conta, respondeu:

— Um conto e oitocentos mil réis!

— Perfeitamente, Joãozinho!

— Vejo agora que tenho custado muito dinheiro a papá! exclamou o menino.

III

Outra conta

— Entretanto não é tudo, accrescentou o inspector: — é preciso contar ainda o dinheiro que seu pae tem gasto com medicos e botica, com livros de escola e... ainda mais do que tudo isso, é preciso metter em conta os muitos cuidados que sua mamã tem tido, as longas noites que passou embalando o seu berço, amamentando o menino, finalmente os desvelos e inquietações que tem custado e continuará a custar a seus paes.

«E estas fadigas, todos esses cuidados e desvelos devem ser calculados em *dinheiro*, Joãozinho?»

—De certo que não, sr. inspector!

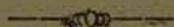
—Sendo assim, como pagará tudo isso que tem custado a seus paes?

Joãozinho reflectiu um instante e disse:

— Amando-os de todo o coração, obedecendo, respeitando-os e, quando eu fôr homem, trabalhando para elles.

— Muito bem, muito bem, Joãozinho!...
E's e serás com certeza um bom filho.

Hilario Ribeiro



41. O professor

*Quando eu tinha cinco annos,
Da escola nada gostava;
Como a verdugos tyrannos
Os professores olhava.*

*Tinha medo, quando via
Aquelle homem sisudo,
Que ás aulas presidia
Nas longas horas do estudo.*

*Mas agora já comprehendo
 O que seja um professor:
 E como um pai — estou vendo,
 Do nosso affecto credor!*

*Si papai nos dá o pão
 Para podermos viver,
 O mestre nos dá lição
 Para termos o saber.*

*O saber é a sciencia
 De tudo por Deus creado;
 É luz á nossa existencia,
 É um thesouro estimado!*

*Amemos, pois, amiguinhos,
 O nosso bom professor,
 Como amam os passarinhos
 O sol que lhes dá calor!*

*Como ama a mansa ovelha
 Ao bom pastor que a conduz
 Á pura fonte que espelha
 — O Céu, as flores, a luz!*

Delminda Silveira

42. Defeitos que se devem evitar na sociedade.

O espirito de contradicção é um grande defeito que se deve evitar com summo cuidado. Assim só em caso de necessidade é permittido contradizer alguem, para o que se devem empregar sempre expressões polidas, taes como: *Permitta-me observar-lhe que se engana, que foi mal informado*, etc.

Quando numa sociedade se ventila uma questão, não devem os mancebos emittir sua opinião sem para isto serem rogados. E quando a opinião que se emitté é contrariada pelos outros, convem abandonal-a com deferencia, em vez de combatel-a com pertinacia. Todavia é permittido expôr com boas maneiras as suas razões, sem teimar.

Não se deve nunca gracejar com os superiores; com os iguaes é licito ás ve-

zes gracejar, sem porém nem de leve ofendel-os ou vexal-os.

São graves defeitos: falar mal dos ausentes, aborrecer os circumstantes com praticas longas e fastidiosas, falar muito de si, querer ostentar erudição, usar a cada momento de palavras equivocadas, fazer perguntas indiscretas, rir sem motivo e ás gargalhadas, mostrar desconfiança.

O tratamento por *tu* só é dado entre pessoas de grande intimidade, entre irmãos, parentes, amigos de infancia, etc.; não se devem pois tratar por *tu* os criados e os subordinados.

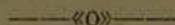
E' contra a civilidade dar ou acceitar alguma coisa extendendo o braço por diante de outrem sem necessidade e sem pedir-lhe desculpa. Si a pessoa com quem se fala estiver distante, póde-se pedir á que se achar mais proxima o favor de passar o objecto que se envia, ou, melhor, levantar-se e passar por detrás dos outros, salvo quando se está á mesa.

Não se deve dizer o preço do objecto que se dá de presente, nem fazel-o valer.

Não se deve fumar em sociedade onde os mais o não fazem.

Quando se recebe dinheiro, não é bom contal-o na presença de quem o dá, excepto no commercio. A' pessoa que o entrega é que cumpre instar com a outra para que haja de o contar.

Dr. Joaquim Maria de Lacerda



43. O rico e o pobre

Martinho era um rapazito que ganhava a sua vida a fazer recados; um dia, voltando dum a aldeia muito distante da sua, achou-se cansado e deitou-se debaixo de uma arvore, á porta dum a estalagem; á beira da estrada. Estava comendo um bocado de pão que tinha trazido para jantar, quando chegou uma bel-

la carruagem em que vinha um fidalguinho com o seu preceptor. O estalajadeiro correu immediatamente e perguntou aos viajantes si queriam apeiar-se, mas responderam-lhe que não tinham tempo, e pediram-lhe que lhes trouxesse um frango assado e uma garrafa de vinho.

Martinho estava pasmado a olhar para elles ; olhou depois para sua côdea de pão, e para a sua velha jaqueta, para o seu chapéo todo roto, e suspirando exclamou baixinho :

— Oh! si eu fosse aquelle menino tão rico, em vez do desgraçado Martinho; que fortuna, si elle estivesse aqui e eu dentro daquella carruagem!

O preceptor ouviu casualmente o que dizia o Martinho e repetiu-o ao seu alumno, que, lançando a cabeça fóra da carruagem, chamou Martinho com a mão.

— Ficarias muito contente, não é verdade, meu rapaz, podendo trocar a minha sorte pela tua?

— Peço que me desculpe, senhor, replicou Martinho, corando, o que eu disse não foi por mal.

— Não estou zangado contigo, replicou o fidalguinho; pelo contrario, desejo fazer a troca.

— Oh! está a divertir-se comigo! tornou Martinho, ninguem queria estar no meu lugar, quanto mais um bello e rico menino como o senhor. Ando muitas leguas por dia, como pão secco e batatas, emquanto o senhor anda numa carruagem, póde comer frangos e beber vinho.

— Pois bem, volveu o fidalguinho, si me queres dar tudo aquillo que tens e que eu não tenho, de boa vontade dou-te em troca tudò o que possuo.

Martinho ficou com olhos espantados, sem saber o que havia de dizer; mas o preceptor continuou:

— Aceitas a troca?

—Ora essa! exclamou Martinho, ainda me pergunta? Oh! como toda gente da aldeia vae ficar assombrada de me ver entrar nesta bella carruagem.

E Martinho desatou a rir com a idéa da entrada triumphante na sua aldeia.

O fidalguinho chamou os criados, que abriram a portinhola e o ajudaram a descer. Mas qual foi a surpresa de Martinho, vendo que elle tinha uma perna de pau e que a outra era tão fraca, que se via obrigado a andar em duas muletas: depois, olhando para elle de mais perto, Martinho observou que era muito pallido e que tinha a cara de doente.

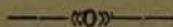
Sorriu para o rapazito com ar benevolo, e disse-lhe:

—Então sempre desejas trocar? Que-rias porventura, si pudesses, deixar as tuas pernas valentes e as tuas faces coradas, pelo prazer de ter uma carruagem e andar bem vestido?

— Oh ! não por coisa nenhuma! replicou Martinho.

— Eu, disse o fidalguinho, de boa vontade seria pobre, si tivesse saúde. Mas, como Deus quiz que eu fosse aleijado e doente, soffro os meus males com paciencia e faço por ser alegre, dando graças a Deus pelos bens que me concedeu na sua infinita misericordia. Faze o mesmo, meu amiguinho, e lembra-te que, si és pobre e comes mal, tens força e saúde, coisas que valem mais que uma carruagem, e que não se podem comprar com dinheiro.

Guerra Junqueiro



44. **Sonhos de um estudante**

Um completo fardamento de general foi o presente que no dia do anniversario natalicio recebeu Orlando de seu padrinho.

Orlando era alumno interno de um gy-

mnasio. Inteligente e dotado de ardente imaginação, ás vezes deixava-se arrebatado nas azas da phantasia, concebendo idéas arrojadas, grandiosas.

Louco de alegria ficou ao receber a dadiva do padrinho. Mirava a farda por todos os lados, ora punha o boné, ora cingia a espada, ensaiava posições militares e dava livre curso á torrente de idéas que se revolteavam em sua mente.

— Quando sahir do gymnasio, exclamava elle comsigo, hei de entrar para a escola militar; em breve, por me distinguir entre meus collegas, serei segundo tenente, depois primeiro tenente e capitão; mais tarde subirei a major; si o Brasil entrar em guerra com outra nação, pelos actos de bravura que hei de praticar, galgarei ao posto de tenente-coronel, serei logo promovido a coronel, e dahi a general a distancia é pouca. Serei um general celebre em todo o Brasil, e meus concidadãos lembrar-se-ão de mim para presidente da

Republica; então meu nome se tornará conhecido em todo o mundo.

Obteve licença para fardar-se e, depois que envergou a correcta farda, parecia outro: caminhava com o aprumo de um verdadeiro soldado, e em seus modos e no aspecto mostrava qualquer cousa de marcial.

Nesse dia, na aula, preocupado com seus sonhos, esteve sempre distraído.

No recreio, aos collegas que o rodeavam para admirar-lhe a bella farda, contava com grande verbosidade e entusiasmo suas chimeras, e parecia crer-se na realidade um general.

Havia no gymnasio um rapaz muito invejoso e briguento. Ao ver seu collega tão alegre e exaltado, machinou um modo de desgostal-o. Entrou para a roda onde estava Orlando e principiou a contrariar-o e a rir-se de seus planos. A principio Orlando tolerou-o; mas por fim, perdendo totalmente a paciencia,

arrancou da espada e, qual verdadeiro militar, quiz vingar a offensa feita á sua farda.

Os outros rapazes conseguiram desarmal-o; porém elle, fóra de si, investiu contra o insolente, e formaram os dois uma briga renhida.

O insultador era maior do que Orlando; mas este, com a raiva, criou novas forças, e mordia, dava socos, cabeçadas e pontapés no adversario, que lhe pagava na mesma moeda.

Com custo os collegas conseguiram separal-os. Orlando estava em lastimavel estado, com o rosto esmurrado e a bella farda, a causa de todas as suas chimeras, de todo o seu enthusiasmo, estava em tiras.

Orlando teve que ir á enfermaria, para curar alguns pequenos ferimentos recebidos; e durante uma semana, o que tambem aconteceu ao provocador, foi condemnado a ficar afastado dos jogos e do recreio.

Ahi, considerando friamente no occorrido, concluiu que, si entre rapazes era tão difficil ser general, quanto não custaria chegar a sel-o em realidade; e jurou nunca mais deixar arrebatarse por um vão enthusiasmo. H.

—«0»—

45. O filho desobediente

Havia uma viuva que tinha um filho chamado Eduardo, e que morava perto de uma fabrica de fiação onde trabalhavam milhares de rodas, todas movidas por uma roda enorme, que a agua da ribeira fazia andar.

A agua rebentava de um grande açude e corria por uma rampa abaixo, cada vez com mais força, até bater na roda, onde se desfazia em espuma com um estrondo horroroso.

No açude havia um barquinho, com os seus dois remos, para o serviço da

comporta, e onde ás vezes os operarios passavam de um para outro lado, como Eduardo mesmo via de sua janella.

Eduardo tinha o grande defeito de ser desobediente.

Queria muito á mãe, e na presença obedecia sempre; mas, em a perdendo de vista, não lhe tinha o respeito bastante para fazer caso das suas recommendações.

Por isto não estudava quasi nada, de sorte que, indo já em doze annos de idade, mal fazia o seu nome, havendo outros mais moços que liam e escreviam correctamente.

Não gostava de brincar sinão com os mais travessos; o que obrigava sua mãe a ir todos os dias leval-o e buscal-o á escola, não o deixando nunca sahir de casa com medo das companhias.

Mas uma quinta-feira tanto chorou e tantas promessas fez que a mãe se condoeu e o deixou sahir debaixo da condição

de se não ajuntar com turbulentos nem ir brincar para a ribeira.

Com effeito o filho cumpriu a sua palavra e a mãe ficou muito satisfeita.

Na quinta-feira seguinte, teve a mãe precisão de sahir, e, não desconfiando que elle abusasse, não o levou comsigo. Que fez Eduardo? Pega em si, dirige-se ao açude, puxa pelo barquinho, salta para dentro, desamarra-o; e, em vez de pegar nos remos para se amparar e se dirigir, como não tinha forças nem discrição para isso, começou a cantar e pular muito contente de sua vida.

A' volta a mãe não o encontra, fica sobresaltada e corre a assomar-se á janella a ver si o avistava onde tantas vezes lhe tinha recommendado que não fosse brincar.

E que havia de ver? Um rapazito no barco, e o barco boiando na direcção da comporta, por onde as aguas se iam escoando.

Não era tão perto que a mãe o conhecesse, mas o coração das mães adivinha e a infeliz deita a correr, gritando de maneira que os operarios acudiram todos.

O barco já andava ás voltas ao pé da comporta, onde a agua fazia redemoinho, e Eduardo ainda continuando a cantar; mas, vendo a afflicção da mãe e os operarios todos horrorizados, reconheceu então o perigo; estendeu os braços a supplicar auxilio, e, presentindo a morte, ajoelhou, lembrando-se de Deus

E só Deus lhe podia valer.

O barco envereda pela comporta, salta na rampa que era muito inclinada, e corre como uma setta de encontro á roda, onde, no meio de uma nuvem de espuma, desapareceu para sempre com Eduardo.

Que desgraçada morte, fructo da desobediencia! E que immensa dôr a da infeliz viuva, que só tinha no mundo aquelle filho!

46. O lobo de São Francisco de Assis

*Andava o povo, assustado,
A fazer a montaria
Ao grande lobo esfalmado
Que tanto mal lhe fazia.*

*Elle levava nos dentes
Agudos e carniceros,
Os meninos innocentes
Que são os alvos cordeiros.*

*E as pessoas assaltando,
Vinha de noite em segredo,
Com seus olhos chamejando,
Encher a gente de medo !*

*Ora, São Francisco era
Incapaz de querer mal,
Mesmo que fosse a uma fera,
Até ao tigre real.*

*Tinha tão bom coração
Que homens e bichos o amavam,
E as andorinhas poisavam
Na palma de sua mão...*

*E como elle desejava
Que tudo vivesse em paz,
Emquanto o povo caçava,
O Santo, o Poeta, que faz ?*

*Procura o lobo cruel,
E, tendo-o encontrado emfim,
Chamou-o, foi para elle,
Sorriu-lhe e falou assim:*

*— O' lobo, muito mal fazes
Em levar vida tão má!
Mas eu proponho-te as pazes
E tudo esqueço... Ouve lá!*

*«Eu sei porque fazes mal,
Eu sei o que te consome:
Tu és tão mau afinal,
Tu és mau — porque tens fome...*

*«Pois bons amigos seremos,
Para nosso e teu descanso;
E de comer te daremos
Para poderes ser manso.*

*«Promette que has de mudar
De vida, neste momento:
E em signal de juramento,
Alevanta a pata ao ar
E põe-na na minha mão!...*

*Jurou o lobo. E cumpriu...
Depois, toda a gente o viu
Tão mansinho como um cão.*

Affonso Lopes Vieira

47. Noções de hygiene

Alimentação

Comer a horas certas, e somente quanto possa o estomago digerir sem custo, eis a primeira das condições para a saúde e o vigor do corpo, uma vez que as iguarias sejam sãs, succulentas e convenientemente variadas.

Os meninos gulosos, que vivem sempre a comer tudo quanto encontram, fructas, doces e gulodices de toda a especie fóra das horas proprias das refeições, estragam as forças do estomago, ficam de ordinario *pansudos*, soffrem sem cessar desafranjos intestinaes, perdem a côr, tornam-se feios, fracos, doentes, e portanto infelizes.

Entre uma e outra refeição deve sempre mediar um intervallo de 3, 4 ou 6 horas, conforme a abundancia e succulencia da anterior; mas, em caso nenhum, se de-

ve ingerir segunda refeição, si se não sente completamente feita a digestão da primeira.

Asseio

O asseio do corpo e dos vestidos, além de ser uma necessidade social, a fim de se não tornar uma pessoa desagradavel, e mesmo incommoda áquelles com quem trata, é de grande importancia para a conservação da saúde; porque, sendo a transpiração cutanea uma função essencial para a saúde do corpo, todas as vezes que os poros da pelle se acharem obstruidos pela gordura que a mesma pelle produz, ou pela poeira e outros corpos estranhos, que a ella se adaptem, embaraçada será a transpiração ou interrompida, e logo padecerá a saúde.

Dahi a necessidade do uso frequente de banhos.

Demais, vós todos sabeis quanto desgraço causa a companhia das pessoas

desleixadas, que não guardam asseio em seus vestidos, conservam as unhas grandes e sujas, os dentes cheios de limo e de fragmentos de comida, que, ahí apodrecendo, communicam á bocca um cheiro insupportavel.

E esses outros que não lavam convenientemente os rostos, e deixam as orelhas e o pescoço no mais censuravel desasseio?!

E aquelles que, por preguiça de se pentearem, deixam que de bichos se lhes incem as cabeças!?

O trabalho

O trabalho moderado, quer do corpo, quer do espirito, concorre muito poderosamente para a conservação da saúde.

Quem vive na ociosidade não póde gozar de boa saúde; e da mesma sorte quem trabalha com excesso.

Somno.

O somno é absolutamente necessario ao corpo, como restaurador das forças

abatidas pelo trabalho do dia; mas, sendo extendido além da medida necessaria, torna-se prejudicial á saúde.

Aos meninos e velhos bastam 9 horas de cama; aos moços 8, e aos adultos 7.

Deitar cedo e levantar cedo, é um importantissimo preceito de hygiene, autorizado pela experiencia de todos os tempos.

Precauções diversas

Muitas outras preoccupações aconselha a hygiene para a conservação da saúde, taes como: conservar sempre quentes os pés; não enxugar sobre o corpo roupa molhada; não se expôr desazadamente e sem necessidade á acção do sol ardente, da chuva, do vento, ou do sereno; não emprehender trabalho algum serio de espirito, nem fazer exercicio algum violento, logo depois das refeições; não conservar flores, nem objectos de activo cheiro nos quartos de dormir, etc., etc.

Abilio Cesar Borges

48. Mães

Mamãe, porque razão está a vizinha alli dô lado a chorar tanto?

— Porque lhe morreu o filho, Bertha.

— Aquelle que andava muito aleijadinho? Mas eu tenho ouvido dizer a toda a gente que foi uma fortuna para ambos!...

— As mães não pensam como toda a gente, minha filha.

— Mas até a Maria Emilia me disse que o aleijadinho não tinha cura, e que os medicos diziam que elle havia de peorar até andar de rastos, quando fosse homem.

— E' certo, mas apesar disso a mãe estava satisfeita porque o tinha alli, e assim mesmo lhe queria. E, vê tu, tão pobre que dia e noite trabalhava para o sustentar com abundancia e vestir com asseio.

— Mas elle era tão feiozinho! Até nos mettia medo, quando corria com as muletas atrás de nós!

— Fealdade dos doentes, Bertha. Fealdade que as mães não vêm nem podem comprehender.

Bertha não respondeu, mas dahi a pouco a mãe notou que a creança soluçava baixinho, e que as lagrimas, de envergonhadas, mal se atreviam a mostrar-se.

— Porque choras, Bertha?

— Mamãe, tenho vergonha!—balbuciou ella, deitando-lhe os braços ao pescoço.

— Vergonha de que?

— De ter feito troça do aleijadinho e de ter achado que a mãe era tola em chorar por elle!

— Ainda bem que te arrependes de tão feia acção.

— Oh! si a mamãe deixasse !...

— O que fazias?

— Ia levar á vizinha o meu vestido de seda branco que o avô meu deu pelos annos.

— Para que o queria a vizinha?

— Para fazer a mortalha do aleijadinho. Talvez que elle me perdoasse as maldades, coitado!

— E não te arreponderás nunca disso que queres fazer?

— Nunca!

— Nem quando vires as outras meninas mais bem vestidas do que tu?

— Não, não! Porque tenho a certeza que valerei mais do que valho hoje, tendo feito este presente ao pobrezinho.

— Vai então levar-lh'o, Bertha. Mas, antes, dá-me cá muitos beijos. Amo-te hoje mais do que nunca!

Bertha foi a correr, mas, chegando á porta, voltou atrás e perguntou ainda:

— Tambem lhe posso levar flores do jardim?

— As que quizeres, minha filha.

Anna de Castro Osorio



49. *Hymno ao Brasil*

*Quem nasceu sob este céu
Tão puro, meigo e gentil,
Tem orgulho de dizer :
— Eu sou filho do Brasil.*

Côro

*Eia avante, mocidade!
Entoemos cantos mil,
Somos todos brasileiros,
Somos filhos do Brasil.*

*Não seremos como ovelhas
Recolhidas num redil,
Somos livres, somos fortes,
Somos filhos do Brasil.*

Côro

Eia avante, mocidade! etc.

*Nossã Patria é rica e grande,
E' formosa e senhoril,
Trabalhemos por erguel-a,
Somos filhos do Brasil.*

Côro

Eia avante, mocidade! etc.

*Das escolas nasce a luz
E o batalhão infantil
E' tambem guarda avançada
Na defesa do Brasil.*

Côro

Eia avante, mocidade! etc.

*Nas campinas verdejantes;
Das montanhas no alcantil,
Vibra um canto de esperança,
Um viva intenso ao Brasil.*

Côro

*Somos livres, não curvemos
A cabeça ao jugo vil,
Na guerra a vida sem pena
Daremos pelo Brasil.*

Bellarmino Dourado

— «O» —

50. O estudantinho da aldeia

João era um rapazinho muito socegado e estudioso.

Tinha seis annos e já lia menos mal no seu livro escolar.

Todos os dias, ainda a aurora mal rompia, João dizia a sua mãe que lhe désse a merenda para ir para a aula.

Queria ser sempre o primeiro a entrar na classe.

Um dia, a mãe extranhou-o. Via a hora aproximar-se e João não tinha pressa nenhuma de ir para a escola.

— Estás doente, João?

— Não, minha mãe, não estou.

— Então são horas de ires.

João, para não dar a perceber a sua mãe o motivo por que hesitava naquelle dia de ir para a aula, pegou depressa no livrinho e na saquinha que a mãe lhe dava com um bocado de broa e uma laranja

e lá foi, mostrando á mãe que ia contente, como os outros dias.

A mãe veio vel-o até á porta, como costumava, e quando já o não via, João poz-se a chorar.

Tinha o livro todo estragado, porque na vespera um camarada lh'o rasgára. Receava por isso que o professor o castigasse, o que para elle era a maior vergonha. Elle nunca tinha recebido a mais leve reprehensão!

Sentou-se. Poz a saquinha ao lado e cobriu de lagrimas o seu querido livrinho. O sol já ia alto. Decidiu-se a partir, porque podia passar alguém e ir dizel-o a sua mãe.

De repente lembrou-se que um dos camaradas estava doente e que lhe podia emprestar o seu livro. Dirigiu-se a casa d'elle a contar-lhe o que tinha acontecido.

O outro, que era muito seu amigo e que o tinha numa grande conta por elle ser muito applicado, tranquillizou-o.

— Não te afflijas, que eu vou pedir licença a minha mãe para t'ó emprestar e, enquanto eu estiver na cama, podes leval-o sempre para a aula.

— O peor é depois...

— Quando me levantar, pedirei a minha mãe para me comprar um, porque ella prometteu dar-me uma cousa bonita quando me levantasse, si eu tomasse hontem o remedio. . .

— E tomaste-o?

— Tomei; e agora peço-lhe que me dê um livro em vez de outra cousa.

João ficou louco de alegria, e correu para a aula.

— Já passou a hora da entrada; mas, visto o menino ser muito estudioso e bom, não é castigado. Mas quero saber porque é que veio tão tarde — disse-lhe o professor.

João ficou todo trémulo, quando ouviu isto. E, como nunca tinha mentido, contou-lhe a verdade.

E com os olhos rasos de lagrimas:

— Mas o senhor não me castigue... Eu não tive culpa de me rasgarem o meu livrinho!

O professor abeirou-se d'elle e deu-lhe um livro igual ao que o seu camarada lhe rasgara, dizendo-lhe:

— Aqui tem a recompensa por ser um menino respeitador e não occultar a verdade. Esse entregue-o ao seu amigo Pedro e diga-lhe, reconhecido, que o terá sempre em consideração e estima, pelo sacrificio que elle queria fazer, remediando o seu mal. Não castigo o menino, e de hoje em diante ainda será tido em melhor conta por mim, visto ter avaliado hoje melhor os seus bons sentimentos.

— Ah! como o meu professor é bom — disse João.

— O professor é sempre bom, quando os seus discipulos cumprem os seus deveres. A maior alegria que sinto é quando sei

que meus alumnos estudam e aproveitam as minhas lições e dizem a verdade, abrigando no coração todos os bons sentimentos. E' assim que os meninos conseguem as maiores glorias da vida e é assim que se preparam para mais tarde serem homens dignos, trabalhadores e virtuosos.

— Pois eu prometto ao meu querido professor que hei de cumprir sempre os meus deveres.

E o professor beijou João.

João chegou a casa contentissimo. A mãe ficou admirada pela maneira como sahira de casa e agora entrava.

— Fizeste uma mudança, João, desde manhã até agora! O que é que então te atormentava e que te faz agora sorrir tanto? Ah! já sei: tinhas receio de não saberes a lição. Não foi isso, meu filho? E Deus protegeu-te e fez-te o mais classificado. Não é verdade, João?

O menino agarrou-se ao pescoço da mãe, beijou-a muito, e contou-lhe tudo o que tinha sucedido.

— Oh meu filho! Entristece-me muito a tua maneira de pensar. Espero que nunca mais occultes a tua mãe a menor ideia que preocupe o teu espirito. Quem haverá na terra que saiba remediar e desculpar tanto, como o coração duma mãe?...

— Sim, minha mãe. Eu nunca mais lhe occultarei nada...

E beijaram-se com muita ternura.

Maria Pinto Figueirinhas

—«O»—

51. Os dias feriados

Além dos domingos há, de vez em quando, um ou outro dia em que não há aula e em que não se abrem as repartições publicas. Esses dias chamam-se *feriados*.

Os dias feriados marcam acontecimentos importantes que devem ser constante-

mente lembrados. São dias de descanso, para não passarem despercebidos e para que nelles possa haver festas patrioticas.

Os feriados nacionaes são os dias seguintes: 1.º de janeiro, 24 de fevereiro, 21 de abril, 3 de maio, 13 de maio, 14 de julho, 7 de setembro, 12 de outubro, 2 de novembro e 15 de novembro.

—«0»—

1.º. DE JANEIRO é o dia consagrado á fraternidade universal.

Nesse dia, o primeiro do anno, dia que todos esperam seja o começo de um anno mais feliz, —nesse dia devemos lembrar-nos que todos os homens são irmãos e que, apesar de divididos em raças e nações, todos os homens devem ajudar-se, todos devem unir-se, procurando a paz e o progresso.

—«0»—

24 DE FEVEREIRO marca o dia em que foi publicada a Constituição Brasileira. Nessa Constituição vem determinado o modo

como o Brasil deve ser governado e vêm declarados os deveres e os direitos dos cidadãos brasileiros. Della se vê que no Brasil a todos é dada a maior liberdade, cercada das maiores garantias. Os meninos devem, quando se fizerem moços, lêr com toda a atenção a Constituição de nossa Pátria.

—«0»—

21 DE ABRIL é o anniversario da morte de Tiradentes. Tiradentes foi um patriota que morreu enforcado, devido a ter trabalhado para que o Brasil se tornasse independente de Portugal. Seu nome exacto era Joaquim José da Silva Xavier.

Tiradentes, ajudado por outros patriotas, desejava fazer uma revolução para que o Brasil deixasse de pertencer a Portugal. Este facto passou-se em Minas Geraes no anno de 1789.

A conspiração foi descoberta e Tiradentes e seus companheiros foram presos. Depois de um processo muito demorado, Tiradentes foi condemnado á morte, sen-

do os outros presos mais importantes desterrados para a Africa.

Tiradentes morreu com grande coragem, feliz de dar a vida por sua Patria. Por isso, em todo o Brasil se festeja o anniversario da morte desse martyr do amor da Patria.

—«0»—

3 DE MAIO é o dia em que se festeja o descobrimento do Brasil. Este facto, como já vimos, succedeu a 22 de abril de 1500, mas até hoje se conserva a festa no dia 3 de maio, no qual os antigos colonos pensavam que tinha sido descoberto o Brasil.

—«0»—

13 DE MAIO é uma das principaes datas brasileiras. Nesse dia, no anno de 1888, o Brasil deixou de ter escravos.

Até então, entre nós estava a população dividida em livres e escravos. Os escravos não trabalhavam para si, mas para

seus senhores, e podiam ser vendidos como si fossem animaes!

A escravidão, apesar de ter tambem existido em outras nações, era uma mancha na sociedade brasileira.

A 13 de Maio de 1888 todos os brasileiros foram declarados livres.

—«0»—

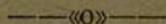
14 DE JULHO é uma data franceza, mas passou a ser festejada no Brasil para lembrar a liberdade que deve existir em todas as nações bem organizadas. Assignala o dia em que o povo de Paris, capital da França, tomou e destruiu uma prisão e fortaleza chamada *Bastilha*.

—«0»—

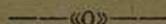
7 DE SETEMBRO é um dos dias de gloria do Brasil. Foi nelle que, no anno de 1822, o Brasil, que tinha sido descoberto e colonizado pelos portuguezes, se tornou independente de Portugal.

Gloria a José Bonifacio, a D. Pedro I, que deu o brado de «Independencia ou

Morte», e a quantos trabalharam para que o Brasil se tornasse nação livre!



12 DE OUTUBRO é o anniversario do descobrimento da America, facto que succedeu em 1492. Nesse anno, o navegador italiano Christovam Colombo, que estava ao serviço da Hespanha, chegou, depois de uma viagem cheia de perigos e de desgostos, ás terras americanas, que desde então se tornaram conhecidas dos europeus.



2 DE NOVEMBRO é o dia dedicado aos mortos. Devemos ser agradecidos aos nossos antepassados, isto é, aos que viveram e trabalharam antes de nós, preparando os beneficios do progresso e da liberdade de que hoje gozamos.

Nós tambem passaremos. E' nossa obrigação procurarmos ser uteis á familia e á Patria, para mais tarde sermos tambem

lembrados e chorados neste dia de tristezas e saudades.

—«O»—

15 DE NOVEMBRO é outra data de ouro da historia brasileira, por ser o dia em que o marechal Manuel Deodoro da Fonseca, em nome do povo, do exercito e da marinha, proclamou a Republica nò Brasil.

—«O»—

Além desses feriados que são observados em todo o Brasil, ha ainda os feriados que são só de nosso Estado: 1º. de maio, 11 de junho e 17 de novembro.

A 1º. de maio, celebra-se a festa do Trabalho; a 11 de junho, commemora-se a publicação da primeira Constituição do Estado de Santa Catharina; e a 17 de novembro, festeja-se o facto de ter Santa Catharina accitado o governo republicano.

—«O»—

52. *Preces da infancia*

*Vós me vêdes, Deus Eterno,
 Como eu sou tão pequenina ;
 Minha alma é inda innocente,
 Tão pura como a bonina.*

*Debeis como minhas vozes
 São inda meus pensamentos ;
 Do mundo nada conheço!
 Nem prazeres, nem tormentos.*

*Qual tenro botão de rosa
 Que á sombra da rosa cresce,
 Sem temer o vento e a chuva,
 De um frouxo raio se aquece.*

*Mas, pouco a pouco crescendo,
 Desabrocha, e cheiro exhala,
 Orna o prado que o sustenta,
 E da roseira é a gala ;*

*Assim, eu filhinho tenro,
 A meus pais devo a vida ;
 A seu lado elles me educam,
 Por elles serei querida.*

*Hoje innocente me chamam !
Oh! como é bella a innocencia!
E' a virtude dos anjos,
E' das virgens a sciencia.*

*Vós, ó Deus! que podeis tudo,
Concedei-me por piedade
Que este aroma da innocencia
Me acompanhe em toda a idade.*

*O' meu Deus, dai á minha alma
Puro e santo pensamento,
Como o perfume do templo
Que sóbe ao vosso aposento.*

*Dai a meus pais longa vida,
E áquelles que á minha infancia
Prestam soccorros continuos
Com tanto amor e constancia.*

*Que felizes, que ditosos,
Por vós, ó Deus, protegidos,
Passem seus dias, seus annos,
Como astros, sem ser sentidos.*

*Vigoraí minha fraqueza
Co'a vossa sabedoria,
O' Deus, ouvi minhas preces,
Escutai-me neste dia!*

D. J. Gonçalves de Magalhães

—«O»—

53. O ovo de Colombo

O ovo de Colombo! Eis uma expressão cuja origem merece ser conhecida. O facto a que ella se refere póde não ser verdadeiro, mas é preciso convir que, neste caso, foi muito bem achado.

Como se sabe, Colombo, guiado pela sua estrella, atirára-se á immensidade tenebrosa do Mar, transpuzera o Atlantico e descobrira a America.

Volta á Hespanha, espalha-se a grande nova, e todo o mundo passa a se occupar com o facto.

A descoberta serviu de motivo a largas discussões, e durante muito tempo foi o thema obrigado de todas as conversações. Em uns despertava enthusiasmo, em outros ambições, em outros inveja, e em muitos, despeito e odio.

Negavam-lhe valor, negavam-lhe todo o merito.

Foi por esse tempo que se deu o incidente do ovo. Real ou não, contam-no assim.

Uma vez, jantava Colombo em companhia de alguns fidalgos hespanhoes.

Falava-se da gloria do illustre genovez em descobrir o novo mundo, e um dos fidalgos, para amesquinhar o ousado navegador, disse com petulancia:

—Que grande cousa! si a America estava alli naquelle ponto, alguem devia por força encontral-a!

Colombo, com a tranquillidade que sempre dá a consciencia do proprio merecimento, não se incommodou com a inso-

lencia e a ineptia dessa observação, mas quiz dar uma lição áquelles que assim procuravam zombar do seu triumpho, e disse serenamente :

— Sim! realmente, nada mais facil do que descobrir a America!.. Mas, ás vezes, as cousas mais faceis são as mais difficeis... Por exemplo: aqui está um ovo. Parece muito facil pô-lo em pé. No emtanto, duvido que qualquer das pessoas presentes o faça!

Todos os fidalgos, cada um por sua vez, tentaram equilibrar o ovo sobre a mesa. Mas o ovo perdia o equilibrio e cahia. Então Colombo, quebrando levemente uma das suas extremidades, de modo a conseguir uma superficie plana, collocou-o sobre a mesa, e o ovo ficou de pé.

— Ora! quebrando uma das pontas, qualquer de nós seria capaz de fazer o mesmo, — exclamaram em côro os fidalgos.

— E' verdade! — disse o glorioso navegador — mas nenhum dos senhores se tinha lembrado disso!

Por isso é que exclamamos: — é como o ovo de Colombo! — sempre que se trata de um problema cuja difficuldade está na iniciativa, que, não tendo occorrido ainda a ninguem, depois de realizada parece, facilima a todo o mundo.

Olavo Bilac

—«O»—

54. *O sabiá*

*Oh! meu sabiá formoso,
Sonoroso,
Já desponta a madrugada;
Desabrocha a linda rosa
Donairosa,
Sobre a campina orvalhada.

Manso o regato murmura
Na verdura
Descrevendo giros mil;*

*Some-se a estrella brilhante,
Vacillante,
No horizonte côr de anil.*

*Ergue-te, ó meu passarinho,
De teu ninho,
Vem gozar da madrugada...
Modula teu terno canto,
Doce encanto,
De minh'alma amargurada!*

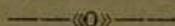
*Vem junto á minha janella,
Sobre a bella,
Verdejante laranjeira,
Beber o effluvio das flores,
Teus amores,
Nas asas de aura fagueira.*

*Desprende a voz adorada,
Namorada,
Poeta da solidão!
Ah! vem lançar um encanto.
Mais um canto,
No livro da criação.*

*Oh! meu sabiá formoso,
Sonoroso,
Já desponta a madrugada...*

*Deixa teu ninho altaneiro,
Vem ligeiro,
Saudar a luz d'alvorada.*

Fagundes Varella



55. Os cinco dedos da mão

Um pai tinha cinco filhos.

O mais velho fez-se rachador, o segundo almocreve, o terceiro lavrador, o quarto vendilhão e o quinto moleiro.

Um dia, o pai, vendo-se muito idoso e não podendo trabalhar, foi bater á porta do mais velho e disse-lhe:

— Filho, criei-te e fiz-te gente. Hoje ganhas tua vida, e eu já não posso ganhar a minha. Dá-me agasalho em tua casa.

E o filho respondeu:

— Não posso, meu pai. A casa é pequena e os seus netos mal cabem aqui.

E o velho foi á procura do segundo filho e disse-lhe o mesmo.

E o segundo filho respondeu-lhe :

— Não posso, meu pai. Ainda não tenho casa, e, quando a tiver, ha de ser para a familia que eu criar.

E o velho foi-se em busca do terceiro filho, a quem disse o mesmo que tinha dito aos primeiros.

E elle respondeu-lhe :

— Tenha paciencia, meu pai. A gente que trago a mourejar no campo, enche-me a casa. Não ha lugar para mais ninguem.

E o velho, á sahida, encontrou-se com o quarto filho, que ia pela estrada a vender.

Aproveitou a occasião e disse-lhe aquillo mesmo.

E o filho respondeu-lhe:

— O meu pai não está bom da cabeça. Como quer que eu o metta em casa, si nunca lá estou? Ao cabo de dois dias, começava a brigar com a sua nora, que tem muito mau genio.

E o velho numa grande tristeza sahiu da estrada e subiu por um atalho, que ia ao moinho do quinto filho.

O moleiro estava á porta, enquanto as velas iam andando, andando á roda, mais ligeiras que os braços de uma dobadoura.

E o velho fez áquelle filho o pedido que tinha feito aos outros.

— Ainda bem, meu pai, que se lembrou de mim. Tenho muito gosto em recebê-lo em minha casa. Deus nosso Senhor tem-me ajudado até hoje, e certamente não deixará de ajudar-me daqui por diante.

— Ainda mais te ajudará, filho.

Depois mostrou-lhe a mão aberta, e disse:

— Vê: são cinco dedos e nenhum d'elles é igual ao outro. São cinco também os meus filhos, mas só tu sahiste differente. A benção de Deus te cubra.

E d'alli a uns poucos de annos, quando o pai conheceu que ia morrer, sentiu uma grande satisfação, pensando que aquelle

filho, por lhe ter ouvido os conselhos a respeito de negocios, — os velhos sempre sabem mais que os moços — era um dos homens mais ricos do lugar.

—«O»—

56. *Ferías!*

*Das ferias eis o tempo venturoso,
O mais doce prazer da nossa vida!
O passarinho canta descuidoso,
Vamos tambem deixar a nossa lida!*

*Vamos contentes, em manhãs formosas,
Voar pelos jardins co' as borboletas!
As flores nos darão lições preciosas,
Emquanto os livros ficam nas gavetas.*

*Brinquemos! — no jardim não ha perigos!
Folguemos! — o folgar é proveitoso!
Livros, pennas, papel... ó bons amigos,
Ide tambem gozar vosso repouso!*

*Destas festas tão gratas e queridas,
No folgar, novo alento beberemos;
E, como o passarinho, ás novas lidas,
Mais fôrtes, mais contentes voltaremos.*

Delminda Silveira

Índice

| | Página |
|---|--------|
| 1. Nossa Pátria | 7 |
| 2. Meu Brasil | 8 |
| 3. Necessidade do trabalho | 9 |
| 4. Gratidão | 10 |
| 5. Os tres reinos da natureza | 11 |
| 6. Hymno dos sentidos | 12 |
| 7. Pontualidade | 14 |
| 8. Uma boa lição | 15 |
| 9. A raposa e as uvas | 17 |
| 10. Carta de parabens | 18 |
| 11. O papel e a corda | 19 |
| 12. A lição | 21 |
| 13. O lobo e o esquilo | 22 |
| 14. As plantas | 23 |
| 15. Doçura e bondade | 24 |
| 16. Os tres salteadores | 25 |
| 17. As abelhas | 27 |
| 18. Reprehensão amigavel | 29 |
| 19. O poder do exemplo | 31 |
| 20. A grandeza do Brasil | 34 |
| 21. Para a escola | 35 |
| 22. O tolo e as moscas | 37 |
| 23. A figueira e o junco | 38 |
| 24. O bom estudante | 39 |
| 25. Pedido justo | 40 |
| 26. Utilidade da chuva | 43 |
| 27. A flauta do pastor | 45 |
| 28. O descobrimento do Brasil | 46 |
| 29. A alma | 49 |
| 30. O castigo da indolencia | 51 |
| 31. Canção do exilio | 53 |

| | |
|---|-----|
| 32. O cão fiel | 54 |
| 33. O seu a seu dono | 56 |
| 34. O fabricante de cestos | 58 |
| 35. Guarda o que comer, não guardes o que fazer | 60 |
| 36. O ninho | 63 |
| 37. O cravo da ferradura | 65 |
| 38. O criado mentiroso | 66 |
| 39. O talisman | 69 |
| 40. O que custamos a nossos pais | 72 |
| 41. O professor | 75 |
| 42. Defeitos que se devem evitar na sociedade . | 77 |
| 43. O rico e o pobre | 79 |
| 44. Sonhos de um estudante | 83 |
| 45. O filho desobediente | 87 |
| 46. O lobo de S. Francisco de Assis | 91 |
| 47. Noções de hygiene | 93 |
| 48. Mães | 97 |
| 49. Hymno ao Brasil | 100 |
| 50. O estudantinho da aldeia | 102 |
| 51. Os dias feriados | 107 |
| 52. Preces da infancia | 114 |
| 53. O ovo de Colombo | 116 |
| 54. O sabiá | 119 |
| 55. Os cinco dedos da mão | 121 |
| 56. Ferias | 124 |



